

Maria Manuel da Silva Gomes

mg_mariagomes@hotmail.com³

A coleção de bilhética do Museu do Carro Eléctrico

³ Este artigo apresenta uma síntese da investigação realizada no âmbito do Relatório de Estágio intitulado Fios da Memória. Um Olhar Museológico sobre Fragmentos do Passado, desenvolvido no Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob orientação da Professora Doutora Alice Duarte. Trabalho completo disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/169512>

Resumo

O presente artigo centra-se na coleção documental do Museu do Carro Eléctrico, com destaque para a coleção de passes de transporte. O trabalho procurou valorizar estes objetos enquanto testemunhos de memória social, reforçando uma prática museológica orientada para as pessoas. O estágio realizado possibilitou aprofundar competências na gestão de coleções, através do estudo, registo e contextualização dos objetos. A metodologia incluiu uma inventariação rigorosa, com registo descritivo, documentação fotográfica e investigação documental que permitiu situar os exemplares no seu enquadramento histórico e cultural. Como principal resultado, foi concebida uma proposta de exposição temporária dedicada a esta coleção documental, evidenciando elementos do acervo que, embora menos evidentes, possuem grande significado histórico e social. Mais do que apresentar objetos, esta proposta procura tornar visível o trabalho de estudo e documentação que sustenta a preservação da memória social e a valorização da história local.

Palavras-chave: museologia; gestão de coleções; museu do carro eléctrico; memória social; passes.

Nota biográfica

Mestre em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Licenciada em Gestão do Património pela Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto. Durante o seu percurso profissional, realizou um estágio profissional no Museu do Instituto Superior de Engenharia, através do programa EstágiAP XXI da Administração Pública. No âmbito do Mestrado em Museologia, integrou a Comissão Organizadora das duas edições da “Semana de Museologia” e realizou um estágio curricular no Museu do Carro Eléctrico, onde atualmente dá continuidade à sua experiência profissional.

Abstract

This article focuses on the documentary collection of the Museu do Carro Eléctrico (tramway museum), with particular emphasis on the transport pass collection. The study aimed to highlight these objects as testimonies of social memory, reinforcing a people-oriented museological practice. The internship enabled the development of skills in collection management through the study, documentation and contextualisation of the objects. The methodology included a rigorous inventory, with descriptive recording, photographic documentation and documentary research that made it possible to situate the items within their historical and cultural framework. As the main outcome, a proposal for a temporary exhibition dedicated to this documentary collection was developed, showcasing elements of the collection that, although less evident, hold significant historical and social value. More than merely presenting objects, the proposal seeks to make visible the research and documentation work that underpins the preservation of social memory and the promotion of local history.

Keywords: museology; collection management; tramway museum; social memory; transport passes.

Biographical note

Holds a Master’s degree in Museology from the Faculty of Arts and Humanities, University of Porto (FLUP), and a degree in Heritage Management from the School of Education of the Polytechnic Institute of Porto. She completed a professional internship at the Museum of the Instituto Superior de Engenharia do Porto through the EstágiAP XXI. As part of the Master’s in Museology, she served on the Organising Committee of two editions of Museology Week and completed a curricular internship at the Museu do Carro Eléctrico, where she currently continues her professional experience.

Introdução

A valorização de objetos enquanto testemunhos de memória social constitui um eixo central da museologia. No contexto do Museu do Carro Eléctrico, coleções como passes, talões e bilhetes de transporte configuram-se como fontes documentais relevantes para o estudo do quotidiano urbano, oferecendo não apenas vestígios materiais, mas também informação sobre experiências individuais, dinâmicas sociais e transformações históricas. A análise destes objetos, orientada pela perspetiva da biografia do objeto proposta por Igor Kopytoff (1986), permite compreender os significados que se acumulam ao longo do tempo e as relações culturais, sociais e económicas que lhes conferem relevância.

Assim, o presente artigo incide sobre a coleção de passes de transporte pertencente a Fortunato Vieira Soares, complementada por outros documentos do acervo do Museu do Carro Eléctrico e por investigação realizada no Arquivo Municipal do Porto. Este cruzamento de fontes possibilita a contextualização histórica e urbana dos objetos, bem como a reconstrução de percursos individuais associados à mobilidade na cidade do Porto durante a primeira metade do século XX. A metodologia adotada incluiu inventariação, registo descritivo, documentação fotográfica e investigação documental, evidenciando dimensões menos visíveis do acervo e reforçando uma prática museológica orientada para as pessoas.

Por conseguinte, a investigação culminou na conceção de uma proposta de exposição temporária, cujo objetivo transcende a representação dos objetos, tornando visível o trabalho de estudo, documentação e preservação da memória social desenvolvido no seio da instituição museológica. Ao explorar a interseção entre coleções museológicas, histórica local e experiências individuais, este artigo demonstra como a análise sistemática de objetos quotidianos contribui para a valorização de narrativas históricas frequentemente invisibilizadas.

1. Fundamentos Teóricos e Paradigmas Museológicos

A palavra museu evoca, em muitos, uma sensação profunda de conexão com algo que transcende o espaço físico, enraizando-se nas memórias e significados dos objetos que o compõem. Este sentimento reflete a capacidade do museu de transformar os objetos comuns em veículos de memória e significado, tornando-se como um espelho da humanidade, que nos permite não só observar o mundo, mas também olhar para dentro de nós próprios, desafiando-nos a pensar, a repensar e, sobretudo, a sentir.

Os museus e as instituições culturais enfrentam, na contemporaneidade, o desafio de compreender as suas coleções não apenas como conjuntos de objetos preservados, mas como testemunhos ativos das culturas e sociedades de que fazem parte. Neste enquadramento, a abordagem da biografia do objeto assume-se como uma ferramenta fundamental para a compreensão das dinâmicas culturais, sociais e simbólicas associadas aos objetos museológicos.

Relativamente à biografia de um objeto, é necessária uma análise profunda das suas diferentes fases de existência: desde a sua produção e circulação, passando pelos usos quotidianos, até ao momento em que a sua função utilitária cessa e o objeto adquire um novo estatuto, designadamente através da sua incorporação num museu. Esta perspetiva vai ao encontro da ideia de Kopytoff (1986), cujo refere que a biografia de um objeto não deve ser analisada exclusivamente a partir das suas características materiais ou técnicas, mas sim enquadrada no contexto das relações culturais, sociais e políticas que atravessam a sua existência. Esta abordagem permite compreender os processos de atribuição de significado, bem como as transformações simbólicas que ocorrem quando um objeto transita entre diferentes esferas, como o uso quotidiano, a obsolescência e a musealização.

A transição ocorrida a partir de 1980, da museologia tradicional para os paradigmas defendidos pela Nova Museologia, que promovem museus mais inclusivos, participativos e socialmente comprometidos, encontra na biografia do objeto um instrumento particularmente pertinente. Ao considerar os objetos como portadores de histórias múltiplas e dinâmicas, os mais recentes desenvolvimentos no campo da

museologia conduzem a uma abordagem mais dialógica, que reconhece a centralidade das pessoas e das suas experiências na construção do património.

A adoção da biografia do objeto como modelo de análise tem impacto direto nos processos de estudo e documentação das coleções, permitindo não só explorar a preservação material, mas também os significados e narrativas que os objetos acumulam ao longo do tempo. Neste sentido, os objetos deixam de ser entendidos como entidades estáticas, assumindo-se como testemunhos de percursos históricos abertos, nos quais o passado, o presente e o futuro coexistem.

2. Museu do Carro Eléctrico

No século XVI, a mobilidade das pessoas era limitada, dado que os deslocamentos eram efetuados a pé, a cavalo ou em mulas. Os principais meios de transportes eram os barcos e os burros, aproveitando-se o rio Douro, o mar e algumas estradas. Após as Guerras Liberais, o crescimento da burguesia e de estabelecimentos comerciais impulsionou o desenvolvimento urbano e a necessidade de transportes.

Em 1870, o Barão da Trovisqueira estabeleceu um caminho de ferro puxado por mulas, o chamado americano. Dois anos depois, foi inaugurada a primeira linha, com concessão da Sociedade Melo e Faro e Tavares Basto, criando a Companhia Carril Americano do Porto à Foz e Matosinhos. Em 1873, surgiu a Companhia Carris de Ferro do Porto, sendo a primeira conhecida como “Companhia de Baixo” e a segunda como “Companhia de Cima”. Em 1893, as duas companhias fundiram-se, mantendo o nome da segunda e dando origem à futura STCP, consolidando uma rede de transportes estruturada na cidade (STCP, 2004).

Esta evolução dos transportes urbanos, caracterizada por fusões, avanços técnicos e ambições de modernidade, deixou marcas profundas na cidade. Parte dessa memória, foi integrada na Antiga Central Termoelétrica de Massarelos, um autêntico motor do progresso. É neste edifício, construído em 1915 para fornecer energia à rede de tração elétrica do Porto, que se encontra atualmente o Museu do Carro Eléctrico (Tavares, 2011). Inaugurado em 1992, o Museu tem como missão preservar, estudar e divulgar

não apenas a memória da central, mas também a história do transporte e da mobilidade urbana na cidade, refletindo a sua evolução tecnológica, social e histórica.

2.1 Coleção de Fortunato Vieira Soares

A doação dos passes de transporte de Fortunato Vieira Soares ao Museu do Carro Eléctrico foi realizada por Maria Fernanda Magalhães, após a sua descoberta durante o processo de organização dos bens pertencentes à sua mãe. Ainda que nunca tenha tido contacto pessoal com o seu avô, Maria Fernanda foi informada da sua história pela avó, o que constitui uma importante fonte de memória oral familiar.

Efetivamente, Fortunato Vieira Soares foi proprietário da Fábrica Portuense dos Botões (fig. 1), um empreendimento de carácter familiar que partilhava com os irmãos, incluindo Rodrigo Vieira Soares. A fábrica, fundada em 1920, situava-se na Rua Ciríaco Cardoso, nas imediações de Pinheiro Manso. Rodrigo Vieira Soares deslocou-se à Alemanha com o objetivo de adquirir conhecimentos técnicos relacionados com a pintura e coloração de botões, sendo reconhecido como um artesão especializado. Este percurso evidencia práticas recorrentes no contexto industrial daquela época, nomeadamente a emigração como estratégia de aprendizagem e aperfeiçoamento técnico.



Figura 1. Documentação relacionada com a Fábrica Portuense dos Botões. ©Arquivo Municipal do Porto (2024)

Relativamente à genealogia familiar, existem indícios de que o pai de ambos se chamaria igualmente Rodrigo Vieira Soares, embora esta informação não seja totalmente conclusiva. A família residia num palacete situado na Rua de Santa Catarina, nº 1230. Segundo o testemunho de Maria Fernanda, é provável que a fábrica estivesse registada em nome de Rodrigo, o irmão mais velho. A família de Fortunato tinha origens no Pará, no Brasil, onde os seus pais estavam consagrados ao ramo da joalheria. Foi também nesse contexto que Fortunato nasceu, antes da família se estabelecer definitivamente no Porto, mais concretamente num palacete situado na Rua de Santa Catarina, nº 1230. Em conformidade com relatos da avó, Fortunato era descrito como um homem de estatura baixa e constituição magra, com um temperamento dinâmico e permanentemente ativo. No que respeito à sua atividade profissional, Fortunato revelava-se reservado e evitava falar de trabalho no contexto doméstico, segundo a mãe de Maria Fernanda. Demonstrava igualmente aversão a tarefas administrativas, preferindo desempenhar funções de natureza comercial.

Assim, dedicava-se à visita regular a clientes e ao levantamento de encomendas, deslocando-se pelas lojas do Porto. Considerando o contexto das suas atividades e a presença de moradas distintas no verso dos passes, é possível supor que utilizava o elétrico com regularidade para realizar essas visitas (Fig. 2).

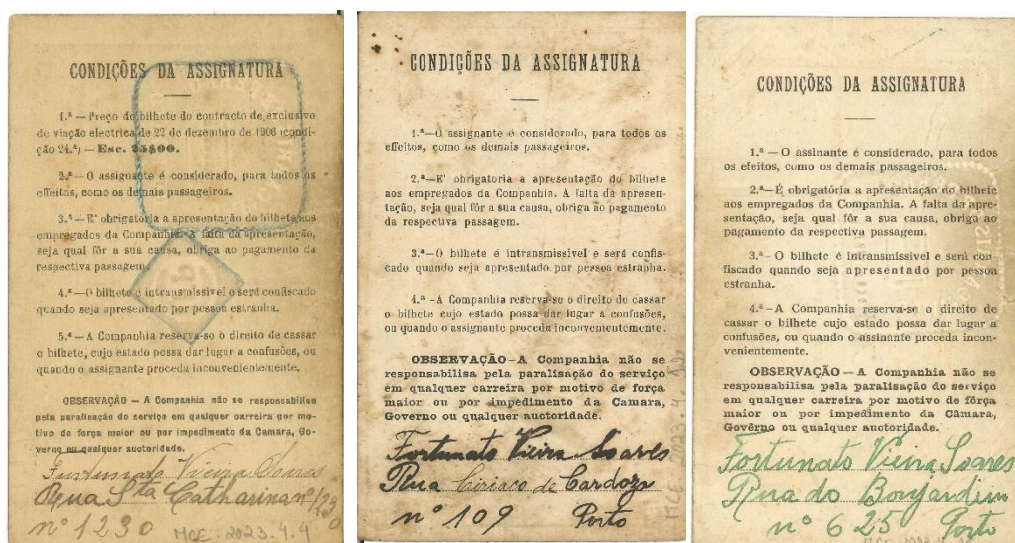


Figura 2. Moradas no Verso dos Passe. ©MCE (2025)

Após o encerramento da fábrica, cuja razão a neta desconhece, os filhos não herdaram qualquer documentação ou bens do negócio, que permaneceram na posse dos irmãos de Fortunato. Relativamente à vida pessoal, Fortunato foi casado duas vezes. Quando casou com a avó de Maria Magalhães, era já era viúvo e pai de dois filhos menores. O casal (Fig.3) estabeleceu residência na Rua do Bonjardim, nº 625, sendo que a avó, natural de Penafiel, assumiu as funções domésticas e a responsabilidade pelo cuidado das crianças.



Figura 3. Fotografia de Casamento. ©Maria Fernanda Magalhães (2025)

Durante o período em que residia na Rua do Bonjardim, Fortunato deslocava-se com regularidade até à Rua Ciríaco Cardoso, local de trabalho, utilizando o elétrico e apanhando-o nas proximidades do edifício do Jornal de Notícias. Esta rotina evidencia a centralidade do elétrico enquanto meio estruturante da mobilidade urbana na cidade

do Porto, funcionando como elo de ligação entre o espaço residencial e profissional. Apesar da sua utilização regular deste meio de transporte, Fortunato era descrito como impaciente face a atrasos, optando, em determinadas ocasiões, por realizar o percurso a pé. Esta atitude ilustra simultaneamente a dependência do transporte público e as limitações operacionais do sistema à época, bem como a experiência subjetiva dos seus utilizadores.

Durante o processo de inventariação, foi observado que, em determinado momento, Fortunato Vieira Soares deixou de usar bigode (Fig. 4). Não obstante, coloca-se a possibilidade de esta alteração estar relacionada com o seu estado de saúde, marcado por fortes dores de cabeça e, posteriormente, por uma infeção dentária com complicações recorrentes, que culminaria no falecimento prematuro, com cerca de 50 anos de idade. Contudo, a possibilidade de esta mudança refletir igualmente tendências estéticas e convenções de moda da época.



Figura 4. Mudança de Visual. ©MCE (2025)

A análise desta coleção permitiu concluir que um passe pode ser mais do que um mero vestígio do passado, constituindo-se como um objeto portador de informação sociopolítica e económica. Um dos exemplares mais revelantes apresenta a inscrição: “Sobretaxa de Guerra, 5 de abril de 1918, 8 escudos” (Fig. 5). Este objeto é indicativo dos impactos da I Guerra Mundial, evidenciando o aumento tarifário imposto à população e as repercussões deste conflito no quotidiano urbano.



Figura 5. Sobretaxa de Guerra. ©MCE (2025)

Adicionalmente, as datas presentes nos passes de Fortunato estabelecem uma interessante coincidência simbólica, abrangendo o período compreendido entre o início da I Guerra Mundial e o termo da II Guerra Mundial. O último passe remonta a 1944, um ano antes do fim oficial do conflito, em 1945 (Fig. 6). Deste modo, torna-se evidente que a deslocação do foco analítico, isto é - do objeto técnico isolado para a rede de significados sociais, económicos e históricos, - que revela o verdadeiro potencial da investigação e documentação de coleções museológicas.



Figura 6. Passe de 1914 e Passe de 1944. ©MCE (2025)

3. Proposta de Exposição

O estudo da coleção de passes de transporte pertencentes a Fortunato Vieira Soares, incorporada no MCE em setembro de 2023, resultou na proposta de exposição temporária Fios da Memória: Uma Viagem pelos Passes do Sr. Fortunato. Esta proposta parte da valorização da bilhética enquanto documento histórico e fonte privilegiada

para a investigação museológica, apoiada em fontes documentais, fotográficas e testemunhos orais, nomeadamente a neta do titular da coleção.

Mais do que apresentar objetos, a exposição torna visível o processo museológico, através da evidência das etapas de inventariação, documentação e investigação, bem como da demonstração de como objetos quotidianos podem revelar percursos de vida, transformações sociais e identidades urbanas. A narrativa expositiva é inspirada na lógica da investigação criminal, na qual; cada passe é tratado como pista, cada anotação como indício, unidos por um fio vermelho que simboliza as conexões entre pessoas, lugares e tempos.

A proposta de exposição, estruturada em quatro núcleos, inicia-se com a apresentação do processo de incorporação e documentação da coleção, sublinhando o rigor técnico e metodológico do trabalho museológico. O segundo evidencia o Museu enquanto espaço de investigação, explorando os passes como fontes de leitura, social e biográfica, revelando mudanças nos regulamentos, no grafismo, nas moradas e nos percursos do seu titular. O cruzamento entre objetos, arquivo e testemunhos orais permite reconstituir percursos profissionais, familiares e urbanas.

O terceiro núcleo contextualiza a coleção no período entre as duas guerras mundiais, destacando os impactos económicos e sociais do conflito, a mobilidade urbana, as migrações e as dinâmicas familiares, incluindo a reflexão sobre os papéis invisibilizados das mulheres. Por fim, o quarto núcleo problematiza as lacunas documentais, a diversidade formal dos passes e as transformações urbanas, assumindo a dúvida e incompletude como parte integrante do conhecimento museológico.

Considerações Finais

A investigação desenvolvida em torno da coleção de passes de Fortunato Vieira Soares demonstra a importância de abordar estes objetos com um olhar atento e contextualizado. Contrariamente à visão de meros vestígios do passado, os passes são portadores de histórias, memórias e significados múltiplos, permitindo aceder a

dimensões da vida quotidiana e da história urbana que frequentemente permanecem invisíveis.

O contacto com a neta do titular da coleção demonstrou como objetos aparentemente banais podem funcionar como catalisadores de memórias familiares e narrativas locais. A análise das anotações presentes no verso dos passes, bem como o recurso à documentação do Arquivo Municipal do Porto, permitiu reconstruir percursos individuais e enquadrá-los no tecido urbano da cidade.

Deste modo, o estudo reafirma o potencial da investigação museológica centrada na biografia do objeto, contribuindo para uma prática que valoriza simultaneamente o rigor científico, a dimensão humana e a função social do museu.

Agradecimentos

Agradeço à professora Alice Duarte e à Dra. Carla Dias cada linha desta investigação transporta um fragmento da vossa dedicação, do tempo com que me foi oferecido e da confiança que depositaram em mim. Obrigada pela paciência, pela atenção e pela presença constante, não apenas como orientadoras, mas como pessoas que me marcaram profundamente.

Agradeço, também, à minha família e a todos os meus amigos, pelo apoio incondicional ao longo deste caminho.

Referências

- Arquivo Municipal do Porto (2024). Câmara Municipal do Porto. Fábrica Portuense dos Botões.
- Kopytoff, I. (1986). The Cultural Biography of Things: Commoditization as Process. In *The Social Life Of Things*. (pp. 63 – 91). Cambridge University Press.
- STCP (2004). *Nas Origens da Sociedade de Transportes Colectivos do Porto (1870-1873)*. STCP.
- Tavares, R. (2011). O Porto e a Central Termoeléctrica de Massarelos – a cidade dos carris e dos fios eléctricos. In *Massarelos. A Requalificação do edifício da antiga Central Termoeléctrica de Massarelos – Registos de um projecto em curso* (pp. 8-20). STCP, S.A.